



ELEIÇÕES

MDB e Cidadania reafirmam que senadora será a pré-candidata ao Planalto. Dividida, sigla tucana adia decisão para a próxima semana

Confirmada pela 3ª via, Tebet aguarda PSDB

» VINICIUS DORIA

As comissões executivas do MDB e do Cidadania aprovaram, ontem, o nome da senadora Simone Tebet (MDB-MS) como pré-candidata à Presidência da República do consórcio formado com o PSDB, autodenominado centro democrático. Em reuniões separadas, as duas legendas formaram ampla maioria para consolidar a tríplice aliança. No Cidadania, a adesão à parlamentar foi relativamente fácil, sem contestação dos diretórios regionais. Na reunião do MDB, representou perto de 90% do partido, segundo estimativa do presidente da sigla, Baleia Rossi (SP). Agora, as duas agremiações esperam uma definição no ninho tucano, dividido após uma ala retomar a bandeira da candidatura própria. Por causa do impasse, a cúpula do PSDB concordou em adiar a decisão para a semana que vem.

Simone Tebet mostrou força dentro da própria legenda. Dirigentes da maioria dos diretórios estaduais manifestaram apoio público à pré-candidata, com exceção de Alagoas, Ceará e Paraíba, as três unidades da Federação em que o MDB já se posicionou pelo apoio à candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

O resultado do encontro, segundo Baleia Rossi, "apenas demonstra que há uma esmagadora maioria do MDB que defende a candidatura própria de Simone Tebet", que tem "o desafio de unir o centro democrático".

Algumas adesões foram comemoradas, ontem, como as declarações de apoio da ex-governadora do Maranhão Roseana Sarney, filha do ex-presidente José Sarney; e do senador pernambucano Jarbas Vasconcelos, além do ex-senador Romero Jucá (RR), que já foi um dos políticos mais

Roque de Sá/Agência Senado



Simone Tebet mostrou força dentro da própria legenda. Dirigentes da maioria dos diretórios estaduais manifestaram apoio público à pré-candidata

Elogios a Doria

Fredy Uehara/Lide



O governador de São Paulo, Rodrigo Garcia (PSDB), afirmou, ontem, que só se surpreendeu com o anúncio da retirada da pré-candidatura de João Doria ao Planalto quem não o conhece. A declaração ocorreu no encontro do Lide, grupo de líderes empresariais criado por Doria e que contou com a presença do ex-governador. "Todos que convivem com você sabem que você sempre teve espírito público, sempre teve o desprendimento necessário em favor das causas coletivas", elogiou. Doria disse que dará apoio a Garcia, que busca a reeleição.

influentes do partido e tenta se eleger ao Senado.

Rossi evitou criticar a dissidência dos caciques nordestinos que lideram o movimento pró-Lula no partido: os senadores Renan Calheiros (AL) e Veneziano Vital do Rêgo (PB) e o ex-senador Eunício Oliveira (CE). Dos três, apenas o parlamentar paraibano participou da reunião. Ele elogiou Tebet, disse que a acompanhará nas visitas que fizer ao estado, mas vai manter o apoio ao petista.

"Ela é minha colega, figura distintíssima, muito competente. Uma parlamentar experimentada, mas o fato de recepção não significa dizer que haverá alteração de rumos adotados pelo MDB local, que apoia convictamente o nome do presidente Lula", disse Veneziano aos colegas da Comissão Executiva.

Sobre o adiamento da reunião da Executiva do PSDB, o presidente do MDB minimizou o movimento interno da ala tucana que quer retomar o debate sobre uma candidatura própria, que poderia minar o acordo que mantém de pé a terceira via. "Nós temos de demonstrar para o Brasil e para os brasileiros que há uma construção séria de uma alternativa aos polos que estão aí (Lula e o presidente Jair Bolsonaro)", frisou.

De acordo com Rossi, o futuro plano de governo de Tebet está sendo gestado na Fundação Ulisses Guimarães, ligada ao partido, e será apresentado em breve. A coordenação desse trabalho está a cargo do ex-governador do Rio Grande do Sul Germano Rigotto, com a colaboração de especialistas na área econômica, como Helena Landau.

Cidadania unido

Na mesma quadra do Lago Sul em que ocorreu o encontro emedebista, o Cidadania também reuniu sua Executiva para aprovar a indicação da senadora. "Com Simone Tebet, MDB, PSDB e Cidadania dão um passo concreto na direção da manutenção da democracia com um programa comum: projetar o Brasil do Século XXI", declarou a sigla, em nota assinada pelo presidente Roberto Freire (SP). Nota, por sinal, recheada de críticas a Lula e, principalmente, a Bolsonaro.

Freire não se mostrou preocupado com a divisão no PSDB em relação ao apoio à terceira via. Para ele, "difícilmente vai prevalecer a ideia" de uma candidatura própria dos tucanos. "O que não vai acontecer é que um problema local impeça a unidade nacional", sustentou. Apenas ele e a senadora Eliziane Gama (MA) participaram presencialmente. Os demais se apresentaram por videoconferência.

A divisão no PSDB não deve afetar a união com o Cidadania em uma federação partidária. A homologação do casamento político é esperada para os próximos dias, pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). "A gente espera que essa unidade se materialize nos próximos dias", disse Eliziane Gama, que era cotada para vice na chapa de João Doria — ele desistiu da disputa na segunda-feira, por pressão da cúpula tucana.

Freire, porém, fez um alerta: se o PSDB abandonar o projeto da terceira via para lançar outro nome ao Planalto, o acordo com o Cidadania pode não prosperar. "Nem vou pensar nisso. Há uma pressão na sociedade (por uma alternativa à polarização)", disse o dirigente.

Novidade na legislação eleitoral deste ano, a federação partidária obriga as agremiações federadas a seguirem unidas pelos próximos quatro anos.

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

Dragão da inflação contra mito guerreiro

Com perdão para o trocadilho — Glauber Rocha que nos perdoe —, o presidente Jair Bolsonaro está convencido de que seu maior adversário nas eleições é a inflação. Os números corroboram esse temor, pois a alta dos preços, principalmente dos combustíveis e dos alimentos, pode levar o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva à vitória no primeiro turno. O que se discute no governo é a adoção de medidas de contingenciamento dos preços, seja pelo congelamento puro e simples, seja pela via de incentivos fiscais. A nova mudança na direção da Petrobras tem esse objetivo.

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15 (IPCA-15), que é considerado uma prévia da inflação oficial do país, está em 0,59% em maio, após ter registrado taxa de 1,73% em abril, somando 12,20% em 12 meses, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística (IBGE). Diante disso, Bolsonaro resolveu demonizar a Petrobras, que seria o grande dragão da inflação. Vestiu a armadura de mito guerreiro e defenestrou mais um presidente da empresa, o terceiro. José Mauro Ferreira Coelho durou 40 dias no cargo, sendo demitido por telefone pelo novo ministro de Minas e Energia, Adolfo Saschida. Para o seu lugar, Bolsonaro indicou Caio Mario Paes de Andrade, atual secretário especial de Desburocratização, Gestão e Governo Digital do Ministério da Economia.

Empreendedor em tecnologia da informação, mercado imobiliário e agronegócio, Caio Mario Paes de Andrade tem formação em comunicação social pela Universidade Paulista, pós-graduação em administração e gestão pela Harvard University e é mestre em administração de empresas pela Duke University. Foi presidente do Serpro até

agosto de 2020, quando passou a fazer parte do Ministério da Economia. Mas é um neófito na área de energia e petróleo.

A indicação ainda precisa ser aprovada pelo Conselho de Administração da Petrobras. Dois presidentes anteriores da empresa, Roberto Castello Branco e Joaquim Silva e Luna, também foram demitidos do cargo. Ambos por causa dos aumentos dos preços dos combustíveis.

A missão de Caio de Andrade é uma cobra de duas cabeças: de um lado, segurar os aumentos dos combustíveis até as eleições (fala-se, inclusive, em congelamento do preço do gás de cozinha e do diesel); de outro, avançar com o projeto de privatização da empresa. Em ambos os casos, será preciso mudar a composição do conselho de administração da estatal e a legislação vigente. A narrativa do governo para

fazer essa alteração está começando a ser construída. Como a pandemia foi controlada, graças à vacinação em massa, o pretexto para a mudança seria o impacto da Guerra da Ucrânia nos preços dos combustíveis, fertilizantes e alimentos.

A Guerra da Ucrânia será uma desculpa para outras medidas populistas, que visam manipular preços artificialmente, reduzir impostos e mitigar o impacto da inflação no orçamento doméstico, principalmente da população de baixa renda, que deriva para a oposição. O que parecia improvável, está acontecendo: uma aliança do ministro da Economia, Paulo Guedes, com os políticos do Centrão para segurar a alta de preços e conceder benefícios a empresas e famílias de baixa renda. A entrega da Petrobras, que era controlada pelos militares, à área econômica, com a perspectiva de sua privatização,

um sonho de consumo das grandes petroleiras.

Teto de gastos

Como o mercado não é bobo e sabe que qualquer projeto econômico de médio e longo prazos depende das eleições, a primeira reação foi negativa: as ações da Petrobras fecharam em queda de mais de 3% no Ibovespa, principal índice de ações da Bolsa de Valores de São Paulo. Em Nova York, devido à nova troca, as ações amanheceram, ontem, em queda de mais de 11% no pré-mercado. A recuperação e a valorização da Petrobras, que voltou a ser uma empresa muito lucrativa, estão atreladas à política de paridade internacional adotada em 2016, durante o governo Michel Temer.

O ex-presidente Lula endossa as críticas à política de preços da Petrobras, mas manifesta-se contra a privatização da empresa. Ontem, comentando a mudança no comando da empresa, sugeriu que Bolsonaro desvincule os custos dos

combustíveis da cotação do dólar: "Ele pode fazer uma reunião com o Conselho Nacional de Política Energética, trazer a Petrobras para a mesa, trazer o conselho da Petrobras e decidir que o preço não será dolarizado, que nós não vamos pagar o preço internacional, nós vamos pagar o preço do custo da gasolina aqui no Brasil", afirmou.

Lula também atacou a política de teto de gastos, resgatando a velha retórica contra os banqueiros e as elites do país: "Por que aprovaram teto de gastos? Porque os banqueiros são gananciosos. Eles exigiram que o governo garantisse o que eles têm direito de receber e tentaram criar problemas para investimento na Saúde, na Educação, na Ciência e Tecnologia". Segundo o petista, "o teto de gastos foi uma forma de elite econômica brasileira e que a elite política fez para evitar que o pobre tivesse aumento dos benefícios, das políticas sociais, da educação e da saúde para garantir que os banqueiros não deixem de receber as coisas que o governo deve para eles".